

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

Ana Raquel Fernandes Rabelo

**Laboratórios de Experimentação:**

Seriam as ecovilas uma resposta consciente à crise enfrentada atualmente?

BELO HORIZONTE  
2016

Ana Raquel Fernandes Rabelo

**Laboratórios de Experimentação:**

Seriam as ecovilas uma resposta consciente à crise enfrentada atualmente?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel  
em Ciências Socioambientais  
Orientador: Prof. Rodrigo Pinto da Matta Machado

Belo Horizonte

2016

*“Os maiores problemas no mundo são o resultado da diferença entre  
como a natureza funciona e a maneira como as pessoas pensam.”*

*Gregory Bateson*

*“A healthy social life is found only when in the mirror of each soul, the  
whole community finds it's reflection, and in the whole community the  
virtue of each one is living.”*

*Rudolf Steiner*

## **RESUMO**

Fundamentando-se na atual crise global, concernente à escassez de recursos naturais, concentração de poder, degradação ambiental, desigualdade social, consumismo, violência e individualismo, povos de todo o mundo vêm criando novas possibilidades e experiências para a sociedade moderna, considerada muitas vezes como destrutiva. Uma das experiências que vêm chamando atenção é o movimento de ecovilas, que são assentamentos humanos sustentáveis, que visam um estilo de vida saudável, com construções de baixo impacto e, relativamente, de baixo custo. As ecovilas foram consideradas como uma das 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável, de acordo com a ONU, e representam um modo de vida consciente, que pode continuar indefinidamente no futuro.

Neste sentido, o presente estudo dá visibilidade ao movimento de ecovilas e analisa sua atuação, principalmente no que diz respeito à aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável em sua rotina, e se este modelo poderia ser visto como possível resposta à atual crise que estamos inseridos.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento sustentável. Meio Ambiente. Ecovilas

## **ABSTRACT**

Basing on the current global crisis, concerning the scarcity of natural resources, power concentration, environmental degradation, social inequality, consumerism, violence and individualism, people around the world are creating new possibilities and experiences to modern society, often considered destructive. One of the experiences that have been calling attention is the ecovillages movement, which are sustainable human settlements, aimed at a sustainable living, with low impact and relatively low cost buildings. Ecovillages were considered as one of the 100 best practices for sustainable development, according to the UN, and represent a way of conscious lifestyle that can continue indefinitely in the future.

In this sense, the present study gives visibility to the ecovillages movement and analyzes its performance, especially with regard to the application of the concept of sustainable development into their routine, and if this model could be seen as a response to the current crisis which we operate.

**Keywords:** Sustainable Development. Environment. Ecovillages.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1.1</b>	<b>APRESENTAÇÃO DO TEMA</b> .....	<b>7</b>
<b>1.2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>8</b>
<b>1.3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>9</b>
<b>1.4</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>MARCO TEÓRICO</b> .....	<b>10</b>
<b>2.1</b>	<b>HOMEM E NATUREZA</b> .....	<b>10</b>
<b>2.2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE</b> .....	<b>11</b>
<b>2.3</b>	<b>DIFERENTES SABERES</b> .....	<b>13</b>
<b>2.4</b>	<b>ESPIRITUALIDADE E NATUREZA</b> .....	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE</b> .....	<b>15</b>
<b>3.1</b>	<b>COMUNIDADES</b> .....	<b>15</b>
<i>3.1.1</i>	<i>RECONSTRUÇÃO: SOLIDARIEDADE</i> .....	<i>16</i>
<b>3.2</b>	<b>COMUNIDADES INTENCIONAIS E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS</b> .....	<b>17</b>
<i>3.2.1</i>	<i>CONTRACULTURA E COMUNIDADES ALTERNATIVAS</i> .....	<i>19</i>
<b>3.3</b>	<b>ECOVILAS</b> .....	<b>20</b>
<i>3.3.1</i>	<i>HETEROGENEIDADE</i> .....	<i>22</i>
<i>3.3.2</i>	<i>SUSTENTABILIDADE EM ECOVILAS</i> .....	<i>23</i>
<i>3.3.3</i>	<i>GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK –GEN</i> .....	<i>26</i>
<i>3.3.4</i>	<i>CONTEXTO BRASILEIRO</i> .....	<i>26</i>
<b>3.4</b>	<b>DESAFIOS E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS</b> .....	<b>27</b>
<i>3.4.1</i>	<i>VISÃO COMPARTILHADA</i> .....	<i>30</i>
<i>3.4.2</i>	<i>DIVISÃO FUNDIÁRIA</i> .....	<i>31</i>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>DIMENSÃO SOCIAL – “ALÉM DE EU E DE VOCÊ”</b> .....	<b>35</b>
<b>4.2</b>	<b>DIMENSÃO ECONÔMICA – “ECONOMIA DE GAIA – VIVER BEM DENTRO DOS LIMITES PLANETÁRIOS”</b> .....	<b>36</b>
<b>4.3</b>	<b>DIMENSÃO ECOLÓGICA – “DESIGN DE HABITATS SUSTENTÁVEIS – CRIAR UM SENTIDO DO LUGAR”</b> .....	<b>37</b>
<b>4.4</b>	<b>VISÃO DE MUNDO – “O SOM DA TERRA”</b> .....	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>40</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Por milênios a humanidade viveu em comunidades onde a proximidade com a natureza e a estrutura social cooperativa eram a base da convivência. Porém, influenciados por uma cultura do consumo e uma sociedade imediatista, notou-se um afastamento não só das pessoas com a natureza, mas das pessoas com elas mesmas. Vive-se de forma cada vez mais superficial, onde o verdadeiro sentido de viver e compartilhar são esquecidos.

A uniformização técnica do espaço mundial tem gerado grande pressão sobre o ambiente planetário, ampliando os desníveis sociais no mundo (SANTOS, 2006). Em meio a isso, crises se proliferam como consequência inevitável da forma de seu proceder.

Segundo Jackson (2004), as causas da atual crise global são um resultado do modelo econômico dominante, ou seja, o sistema econômico neoliberal não leva em conta os efeitos sociais e ambientais negativos da produção e comercialização de mercadorias. Como consequência, estes danos não têm valor econômico, tornando-se literalmente invisíveis.

Diante disto, as comunidades criadas de forma intencional, como as ecovilas, manifestam de maneira prática a insatisfação com o insustentável modelo vigente de organização e ocupação territorial e têm sido uma alternativa encontrada por grupos de pessoas que buscam redescobrir o real sentido de viver em comunidade, com o outro e com a terra, de acordo com um estilo de vida que assegure o bem estar humano e do planeta.

O movimento chama atenção pelas respostas concretas que tem realizado no sentido de se criar assentamentos humanos compatíveis com o bem-estar comunitário e com o meio, caracterizando-se por ser inovador, sustentável e, eminentemente, viável (SANTOS, 2006). Prioriza-se a produção local de alimentos orgânicos, com base nos princípios da permacultura, o uso de sistemas de energia renováveis, construções ecológicas, economia autossustentável, educação holística e relações sociais mais cooperativas e solidárias, contribuindo para o desenvolvimento humano de maneira saudável.

Estas comunidades contemporâneas mantêm uma estreita ligação com os valores e práticas das comunidades alternativas iniciadas pelo movimento hippie na

década de 60 e 70, formado por pessoas que acreditavam em uma revolução cultural, onde novos valores seriam criados juntamente com uma sociedade baseada na paz e no amor.

O termo “laboratórios experimentais vivos” foi utilizado, em 2005, pela Gaia Education, provedora de uma educação voltada para a sustentabilidade e gestão de ecovilas, por remeter à incubação de novos modelos de uma cultura humana sustentável, representado pelas ecovilas. Este modelo estimula uma perspectiva de sistemas, enfatizando as ligações entre atividades, processos e estruturas, e desenvolvendo uma compreensão de uma comunidade sustentável mais ampla e abrangente. (EDUCAÇÃO GAIA, 2005).

O movimento de ecovilas é um movimento global que surgiu como uma resposta consciente aos problemas que vivenciamos atualmente. Em 1995, na Conferência Ecovilas e Comunidades Sustentáveis – Modelos para o século XXI, realizada na Escócia, o conceito de ecovilas foi amplamente discutido e lançado mundialmente através da criação do Global Ecovillages Network (Rede Global de Ecovilas).

A escolha deste tema está intimamente relacionada à experiência que eu tive o prazer de vivenciar em uma comunidade chamada Bellbunya, localizada na Sunshine Coast Hinterland, em Queensland, na Austrália, onde pude aprender um pouco mais sobre a vida em comunhão plena com a natureza. O vivenciado expandiu minha curiosidade sobre o histórico das comunidades, aflorando em mim a vontade de entender as motivações e influências de movimentos sociais na construção deste fenômeno, bem como elucidar as dificuldades enfrentadas na gestão de ecovilas.

## 1.2 OBJETIVOS

Este estudo exploratório tomou como base um levantamento teórico-conceitual, e tem como propósito analisar a atuação das ecovilas e comunidades sustentáveis, principalmente no que diz respeito à aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável em sua rotina, e se este modelo poderia ser visto como resposta à atual crise econômica, ambiental e social em que vivemos. Será que as ecovilas podem promover a melhoria da qualidade de vida ao adotar valores direcionados a um modo de vida sustentável?



O desenvolvimento sustentável é comumente descrito em termos de três dimensões, consideradas áreas fundamentais da experiência humana, e que devem ser levadas em consideração em qualquer cenário de desenvolvimento sustentável, são elas: dimensão social, dimensão econômica e dimensão ecológica (Gaia, 2012). Este estudo se propôs a analisar como cada dimensão é abordada em uma ecovila, porém acrescentando uma quarta dimensão, denominada “visão de mundo”, pela Gaia Education.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Em setembro de 2016, mais de sete (7) bilhões de pessoas residem no planeta Terra atualmente, número seis vezes maior do que em 1830, época em que se iniciou o processo acentuado de crescimento da população. A estimativa é de que em 2030, este número suba para 8,5 bilhões de pessoas (FORMAN e WU, 2016).

Mas como isso será possível, uma vez que, segundo dados do Almanaque Brasil Socioambiental (2008), publicado pelo Instituto Socioambiental, metade dos recursos hídricos disponíveis para o consumo humano e 47% da área terrestre já são utilizados? Como estas pessoas viverão em um mundo em que, atualmente, 800 milhões de pessoas passam fome e 24 mil morrem, a cada dia, por falta de alimento? Os países industrializados, que possuem menos de 20% da população, consomem 80% dos recursos e são responsáveis por 80% da poluição. Se todo o mundo consumisse como os Estados Unidos consomem, precisaríamos de no mínimo 4,5 Terras. Não há recursos e serviços suficientes para sustentar esta crescente demanda.

Com esta notória insustentabilidade alguns conceitos surgiram, com o objetivo de tornar este avanço um pouco mais “organizado” e “ecologicamente correto”. O principal deles é o conceito de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade. Conceitos estes que estão em constante evolução, e por isso, não serão analisados criticamente em sua totalidade neste estudo.

As ecovilas se encaixam neste contexto na medida em que são assentamentos humanos sustentáveis, que visam um estilo de vida saudável e sustentável, com construções de baixo impacto e, relativamente, de baixo custo. O interesse no tema é justificável uma vez que as ecovilas foram listadas como uma das 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável, de acordo com a ONU, e podem

contribuir com soluções práticas e eficazes para enfrentar os problemas que assolam a atualidade, segundo a Global Ecovillage Network.

Cabe ressaltar que a sustentabilidade aplicada às ecovilas é um tema relativamente recente e também está em constante processo de adaptação.

#### 1.4 MÉTODO

Para execução deste trabalho foi realizado uma ampla revisão bibliográfica, fundamentada na necessidade de reflexão e estudo sobre as ecovilas e comunidades sustentáveis, bem como material oriundo de um curso online sobre gestão de ecovilas, realizado em 2015.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 HOMEM E NATUREZA

*“A natureza está no homem e o homem está na natureza, porque o homem é produto da história natural e a natureza é condição concreta, então, da existencialidade humana.” (MOREIRA, 1985).*

A ação do homem na natureza vem causando muitos desastres, principalmente com os problemas relacionados ao meio ambiente. Com o passar dos anos a espécie humana ganhou habilidades das quais, grande parte, agridem seu próprio habitat. Ou seja, o homem melhorou sua condição de vida, mas ainda não sabe os danos que isso lhe causará no futuro.

A raiz dos mais graves problemas que enfrentamos atualmente está na desconexão com a natureza, a civilização parece ter como um de seus principais objetivos a substituição da natureza por um ambiente inteiramente construído por humanos (GAIA, 2012). Como exemplo, basta observar a cidade a sua volta, o que era verde agora dá lugar ao cinza, fazendo-nos esquecer completamente da paisagem em que um dia já vivemos. A natureza tem sido vista apenas como um embelezamento superficial, e não como integrante essencial da paisagem (BISSOLOTI, 2004).

Por vezes também nos esquecemos que o ser humano possui uma trajetória bastante recente na vida da Terra, permeada por sentimentos de superioridade. Esse orgulho humanístico desmedido gerou um movimento de forças destrutivas

difíceis de controlar, e que, com o tempo, podem acabar com a vida humana na Terra como conhecemos (GAIA, 2012).

## 2.2 DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

*“Nossa época, esta indecente sociedade de consumo, com suas orgias energéticas e batalhas materiais, será tida como, talvez, o período mais bárbaro da história” (LUTZENBERGER, 1990)*

O conceito de desenvolvimento é amplamente utilizado e empregado em diversas áreas de estudo. Desde o pós-guerra até a década de 60, crescimento econômico e desenvolvimento econômico foram empregados de maneira indistinta, ou seja, possuíam o mesmo significado, limitando-se ao acompanhamento dos indicadores de crescimento do produto real (SOUZA, OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009). “No período de 1945 a 1970, o conceito de desenvolvimento baseava-se na industrialização e no progresso material que conduziria “espontaneamente” à melhoria dos aspectos sociais” (VEIGA apud SOUZA, OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009).

Nesta mesma conjuntura o Brasil também passava por um momento de crescimento econômico, com intensa industrialização e incentivos governamentais. Inclusive, o próprio governo declarou-se contra o controle de poluição, argumentando que este seria um bloqueio ao progresso, e instalou ainda mais indústrias altamente poluidoras no país (VINHA apud SOUZA, OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009).

De acordo com Enrique Leff (apud SOUZA, OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009) “a lógica do crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de dois terços da humanidade e a utilização em larga escala dos recursos naturais, e levou à exaustão de sistemas vitais e ameaça o equilíbrio ambiental”. Neste momento, a compreensão da integralidade do homem com o meio “é determinante para que a sociedade implemente soluções de abrangência holística para os problemas decorrentes dos impactos ambientais causados pelas atividades humanas” (SOUZA, OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009).

Neste contexto a expressão ‘desenvolvimento econômico’ evoluiu, e passou a representar, “além do crescimento do produto interno bruto (PIB) de um país, a maneira como esse produto é distribuído social e setorialmente” (SOUZA,

OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009), ou seja, a má distribuição das riquezas, bem como os altos índices de degradação ambiental, também precisam ser incorporados ao conceito de desenvolvimento.

A discussão sobre a necessidade de modelos alternativos ao desenvolvimento se intensificou na década de 70 (SOUZA, OLIVEIRA, PINHEIRO e CHACON, 2009), e, em 1972, na cidade de Estocolmo, aconteceu a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, que colocou a dimensão do meio ambiente na agenda internacional, servindo de base para a concepção do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (SIQUEIRA, 2012).

Em 1974, Sachs dissemina o conceito de *ecodesenvolvimento* como uma “alternativa para o desenvolvimento que pressupõe outro padrão de relação sociedade-natureza e sugere o aprendizado de um padrão pautado pela relação de simbiose coevolutivo com a natureza” (SIQUEIRA, 2012). Sachs ainda inclui a “satisfação das necessidades sociais básicas e a promoção da equidade, não apenas no crescimento econômico; a participação da sociedade civil organizada e o fomento à autonomia das comunidades locais, atribuindo aos atores locais a capacidade de cogerenciar de forma prudente os recursos disponíveis; a prudência ecológica e a superação da ideologia economicista” (SIQUEIRA, 2012).

Em 1987, o Relatório Brundtland foi elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, e definiu *desenvolvimento sustentável* como aquele que “atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, 1987). Porém, foi a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, que o conceito foi amplamente divulgado e utilizado pelos três (3) setores da sociedade (Estado, Mercado e Sociedade Civil), ainda que com apropriações bastante diferentes, e às vezes, conflitantes (SIQUEIRA, 2012).

No entanto, a promoção do desenvolvimento econômico continua ocorrendo, mesmo que “sob a bandeira ambiental das tecnologias limpas e do equacionamento das externalidades geradas pelo sistema” (ANDION *apud* SIQUEIRA, 2012).

### 2.3 DIFERENTES SABERES

*“Saberes: Se não existe saber na semente, como explicar o sabor do fruto? Se não existe saber nas borboletas, como explicar o voar das cores? Se não existe saber no pássaro, como explicar o voo do beija-flor? Se não existe saber na rocha, como explicar a paz da montanha? Se não existe saber na terra, na água, no sol e no ar, como explicar a vida? Se somente existe saber nos humanos, como explicar as inúmeras guerras?” (João Bello - EcoPoeta paranaense)*

A homogeneização cultural é uma ameaça ao equilíbrio da vida no planeta. A diversidade de saberes, organizada em comunidades locais, está se desfazendo (SIMAS, 2013). Através de mecanismos de colonização, observa-se uma tendência global à apropriação dos modos de pensar, agir e se relacionar com o mundo. Muito se questiona os valores da sociedade atual, mas depois de tantos anos de “dominação sutil”, termo utilizado por Foucault, estamos entregues à cultura do consumo, sendo difícil reverter esta situação.

*“O colonialismo não desapareceu. Na verdade, ele retornou como recolonização. O colonialismo retornou como globalização. Globalização é pior porque, enquanto mantém todas as velhas formas de dominação dos poderes ocidentais sobre as culturas não ocidentais, o que temos é um acréscimo: a própria colonização da vida. (...) O que está sendo colonizado agora é o espaço interno dos seres vivos, dos seres humanos, dos animais e plantas. Em adição a todo o velho estilo de colonialismo, este colonialismo é uma colonização do futuro ele mesmo. Ele está nos negando um futuro.” (SHIVA apud SIMAS, 2013)*

Com a globalização, as culturas mudam de maneira muito rápida, o que acaba por reduzir a riqueza e a diversidade cultural existente. Muitas áreas de conhecimento se perdem quando as culturas são exterminadas (GAIA, 2012). É preciso redescobrir os antigos modos de vida, ajudar a reviver e a preservar este valioso conhecimento.

Nas palavras de Hannah Arendt, “enquanto a força é a qualidade natural de um indivíduo isolado, o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam” (ARENDR, 1997 *apud* CANDOSSIM, 2009). O poder, relacionado às capacidades coletivas de mobilização

social para uma ação conjunta que beneficie a todos, está cada vez mais restrito em nossa sociedade atual, contribuindo para o agravamento da crise civilizatória na qual estamos imersos (MATTOS e SOUZA, 2014). Para sermos capazes de criar novas possibilidades, desenvolver e testar novos modelos precisamos nos unir para reaprendermos a fazer juntos.

## 2.4 ESPIRITUALIDADE E NATUREZA

*“A natureza é racional e revelará seus segredos àqueles que aprenderem a ler e a entender sua linguagem.” (George-Louis Leclerc Conde de Buffon)*

Quando recorremos a uma linha do tempo, percebemos o quanto a espiritualidade caminha lado a lado com a história humana, principalmente quando manifestada em deuses que traziam a chuva, trovões e boas colheitas, por exemplo. A ideia de uma força maior regendo nossas vidas é tão antiga quanto a presença do homem na Terra (CARAVITA, 2011).

As vivências espirituais podem, muitas vezes, ser confundidas com vivências religiosas. Desta forma, é necessário elucidar o real significado da palavra espiritualidade. Para Jung (1986) “espiritualidade não se refere a uma determinada profissão de fé religiosa, e, sim, à relação transcendental da alma com a divindade e à mudança que daí resulta, ou seja, espiritualidade está relacionada a uma atitude, a uma ação interna, a uma ampliação da consciência, a um contato do indivíduo com sentimentos e pensamentos superiores e ao fortalecimento, amadurecimento que esse contato pode resultar para a personalidade” (*apud* ELIAS, 2003). O despertar espiritual significa manifestar amor e sabedoria nos corações e mentes da humanidade (GAIA, 2012).

A Educação Gaia chama de “espiritualidade socialmente engajada” a transformação da consciência e dos valores, que oferece a esperança, não apenas da sobrevivência da humanidade, mas também de seu florescimento. Os educadores de Gaia acreditam que “sem esta transformação, inclusive as inovações sociais e ecológicas mais promissoras serão rapidamente superadas pela propagação do consumismo e pelo rápido crescimento populacional em todo o planeta” (GAIA, 2012). Nos afastar da incessante extração de recursos externos e nos voltar para as fontes infinitas que existem dentro de nós, por meio de vivências e

transformações espirituais, é a grande resposta, que pode acontecer através da prática contínua da meditação, por exemplo.

Elias (2003) afirma que “a transformação espiritual na ausência de uma mudança social e ecológica é inútil, (...) e a reforma social e ecológica, na ausência de um despertar espiritual, tem mostrado ser fatal, como se fosse possível proteger a biosfera enquanto a alma da humanidade sucumbe”. Visões holísticas do budismo e do taoísmo, por exemplo, transformam-se em práticas de permacultura, ou o hinduísmo em uma ética alimentar profunda, que enxerga os seres em harmonia e conectados (CARAVITA, 2011). Todos estão em um mesmo caminho, evoluindo espiritualmente, independentemente da religião que se segue.

### 3 ANÁLISE

#### 3.1 COMUNIDADES

*“Nós não somos uma coleção de objetos, mas uma comunhão de sujeitos...  
Temos que nos reinventar como espécie” (BERRY)*

Uma coleção acidental de pessoas que tem algo em comum não é realmente uma comunidade. “Comunidade”, do latim com (junto, com), munis (ligação recíproca), atis (qualidade ou condição), significa “ligações ou trocas que juntam”, ou seja, existe uma visão do todo, do coletivo, que é mais que a soma das partes; uma visão que enfatiza a dimensão das relações (SIMAS, 2013).

A sociedade industrial, que se expande pela globalização, substituiu as relações interpessoais pelo individualismo, o que ainda intensificou o processo de homogeneização e redução das diferenças encontradas entre comunidades distintas. Como consequência as pessoas estão perdendo a habilidade para lidar com diferenças (SIMAS, 2013). Para Bauman, esta forma de encarar as diferenças marca o estilo de vida da elite cosmopolita global, que passa a maior parte da vida em uma zona livre de comunidades (BAUMAN *apud* SIMAS, 2013).

Grande parte da história da espécie humana foi vivenciada em pequenos grupos, onde todos se conheciam e os recursos eram compartilhados através da economia da dádiva, ou seja, doação de bens e serviços sem que haja expectativa de reciprocidade (SIQUEIRA, 2012). Siqueira afirma que a principal característica

dessas comunidades era estar em harmonia e proximidade com a natureza, além de terem governança descentralizada.

Segundo Raquel Paiva o momento de apogeu da vida comunitária é encontrado na Idade Média (PAIVA *apud* SIMAS, 2013). Siqueira (2012) afirma que a proporção dos assentamentos humanos se expandiu na medida em que os avanços tecnológicos aumentaram. Entretanto, ainda em séculos recentes, grande maioria das pessoas vivia em pequenos vilarejos, e as cidades tomaram proporções maiores apenas na Era Moderna (SIQUEIRA, 2012).

Irrgang (*apud* SIQUEIRA, 2012) afirma que as comunidades antigas podem servir de inspiração para enfrentar os problemas atuais, contudo, deve-se evitar sua idealização sem reconhecer as dificuldades que os seus cidadãos tiveram de enfrentar.

### 3.1.1 RECONSTRUÇÃO: SOLIDARIEDADE

O sociólogo Emile Durkheim dá um tratamento científico à moral, definindo-a como um sistema de regras de valor simbólico que é base das comunidades (in SANTANA e TUZZO, 2013). O sociólogo confere à moral a “capacidade de garantir uma coesão entre os indivíduos ao preservar a importância dos interesses coletivos em detrimento dos individuais” (in SANTANA e TUZZO, 2013). Ele ainda elaborou o conceito de solidariedade social, ideia de que seus praticantes se sintam integrantes de uma mesma comunidade; e esta seria a responsável pela coesão entre os membros dos grupos, podendo ser expressa por meio de códigos, leis ou regras inconscientes (SANTANA e TUZZO, 2013).

Em grande parte dos países, esta solidariedade social tem sido sistematicamente destruída, em especial a nível comunitário, onde os pobres estão ficando cada vez mais pobres (GAIA, 2012) e a complexidade das relações de pertencimento e solidariedade, características do modo de vida comunitário, também estão sendo desfeitas (SIMAS, 2013).

Com relação à reconstrução de laços sociais comunitários, Ana Carolina Simas (2013) afirma que:

*“(...) o projeto estratégico de reconstrução de laços sociais comunitários, como forma de revisar os modos de produzir sentido sobre identidades e diferenças no Ocidente, pode ser pensado em pelo menos três direções ou tendências: a da necessidade de fortalecimento, afirmação e “proteção” de*



*comunidades e culturas tradicionais locais “remanescentes”, que representam espaços de resistência à força homogeneizante da globalização – como valorização da diversidade; a da necessidade de realocização, ou mais propriamente de reconstrução de comunidades, através do fortalecimento de fluxos e relações sociais locais – tornada evidente pelo reconhecimento dos limites físicos ao crescimento da sociedade global; e a do reforço dos laços comunitários como paradigma para as relações globais” (SIMAS, 2013, p. 134 e 135).*

A vida em comunidade representa uma solução para recuperar a responsabilidade dos cuidados a nível local, visto que, de acordo com os educadores da Fundação Gaia, temos a oportunidade de criar um novo precedente de solidariedade e cuidado ao próximo (GAIA, 2012).

### 3.2 COMUNIDADES INTENCIONAIS E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

*“Há o suficiente para a necessidade de todos, mas não para a ganância de cada um.” (Mahatma Gandhi)*

Segundo Metcalf (2004) “comunidades intencionais são formadas quando pessoas escolhem viver juntas ou próximas o suficiente para conseguirem levar um estilo de vida compartilhado, com uma cultura compartilhada e um propósito comum” (METCALF *apud* SIQUEIRA, 2012), muitas vezes compartilhando um terreno ou moradia, com governança democrática ou consensual. Em exceção de algumas comunidades espirituais ou religiosas, que por vezes optam por liderança centralizada em um líder ou um pequeno grupo de líderes (CHRISTIAN *apud* SIQUEIRA, 2012).

No final da década de 1970 e início da década de 1980, devido à crise do petróleo, retoma-se o pensamento sobre energias renováveis, despontando um início de uma conscientização ambiental (RUANO *apud* BISSOLOTTI, 2004). À luz dos movimentos da contracultura, da antroposofia<sup>1</sup> de Rudolf Steiner e da

---

<sup>1</sup> De acordo com Setzer (1998), a antroposofia, do grego “conhecimento do ser humano”, introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, “pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana”. Steiner queria ajudar as pessoas a superar o mundo material e entender o mundo espiritual.

permacultura<sup>2</sup> de Bill Mollison e David Holmgren, “diversos grupos passaram a se intitular *comunidades intencionais sustentáveis*, consolidando a dimensão ambiental e ecológica como foco central desses assentamentos” (SIQUEIRA, 2012).

De acordo com Roseland (*apud* SIQUEIRA, 2012) comunidade sustentável é aquela que “busca melhor qualidade de vida para todos os seus residentes enquanto preserva a capacidade da natureza de se manter no tempo através da minimização dos resíduos e descartes, da prevenção à poluição, da promoção da eficiência e do desenvolvimento de recursos locais para revitalizar a economia local”. Siqueira (2012) afirma que “a tomada de decisão em comunidades sustentáveis está baseada em uma vida cívica ativa e compartilhamento de informações entre os membros da comunidade”.

Após publicação do Relatório Brundtland, em 1987, o termo *desenvolvimento sustentável* foi cunhado e a palavra “sustentável” passou a ser demasiadamente utilizada pela mídia e por toda a população, referindo-se principalmente ao aspecto econômico da sustentabilidade. A apropriação deste conceito desgastou seu real significado, e se tornou insuficiente para caracterizar *comunidades sustentáveis* (SIQUEIRA, 2012).

Neste contexto, ao fim da década de 80, Ross e Hildur Jackson criaram o Gaia Trust, uma associação sem fins lucrativos que tinha por objetivo “apoiar a transição para uma sociedade futura mais sustentável e espiritualizada através de subvenções a iniciativas práticas” (IRRGANG *apud* SIQUEIRA, 2012), apoiando pessoas e grupos que estavam intencionalmente vivendo de forma realmente sustentável.

O termo *ecovila* já havia sido utilizado em meados dos anos 80 por Robert e Diana Gilman, porém percebia-se que a expressão ainda demandava uma definição formal. Foi a partir desta demanda que a Gaia Trust passou a investir no conceito de *ecovila* como “uma autêntica *comunidade sustentável* – termo empregado aqui para se referir ao “conceito forte” de desenvolvimento sustentável” (SIQUEIRA, 2012).

Atualmente, comunidades intencionais englobam muitas das questões que foram o centro das atenções públicas durante muitas décadas, incluindo direitos

---

<sup>2</sup> Bill Mollison definiu a permacultura (agricultura permanente) como “projeto consciencioso e a manutenção de ecossistemas agricolamente produtivos, que têm a diversidade, a estabilidade e a capacidade de recuperação de ecossistemas naturais. É a integração harmônica da paisagem e das pessoas, fornecendo comida, energia, abrigo e outras necessidades materiais e não materiais de maneira sustentável”.

civis, direitos da mulher, ativismo de paz, agricultura sustentável, energia alternativa e saúde (KOZENY, s.d.).

### 3.2.1 CONTRACULTURA E COMUNIDADES ALTERNATIVAS

O período entre as décadas de 50 e 60 foi de grande transformação. O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe a consolidação dos Estados Unidos enquanto superpotência capitalista, e o crescimento econômico atingiu níveis antes não imagináveis. O 'American Way of Life' era almejado em meio à elite burguesa, e a discrepância entre a distribuição de riqueza era cada vez maior.

Os avanços que ocorreram na economia não alcançavam todos os setores da sociedade. Pelo contrário, apenas uma pequena parte era beneficiada, ou seja, os ricos aumentavam suas riquezas, e os pobres eram cada vez mais explorados e tinham ainda mais dificuldade de se estabelecerem nesta sociedade. O descontentamento da população aumentava à medida que o mercado se fortalecia.

Foi neste contexto que começaram a surgir movimentos contestatórios e libertários, principalmente entre os jovens, que visavam questionar os valores impostos na sociedade da época (SANTOS, 2006). Este movimento ficou conhecido como *contracultura* que “visava tanto uma reestruturação do organismo social, como clamava por mudanças de valores e atitudes na relação das sociedades consigo mesmas e para com a Natureza” (McCORMICK *apud* SANTOS, 2006).

Este movimento se estendeu pela sociedade em ações coletivas e bastante diversas, mas que tinham em comum a transformação do pensamento vigente na sociedade, como por exemplo o feminismo, o movimento negro, novo espiritualismo, revolução corporal e sexual, entre outros (SANTOS, 2006).

Um dos movimentos mais conhecidos da época foi o movimento hippie, que negava uma sociedade de consumo e pregava o retorno à natureza. O movimento foi inspirado pelas culturas orientais, que eram baseadas principalmente na harmonia entre as pessoas e a natureza, com o lema 'paz e amor' (BISSOLOTTI, 2004).

Foi a partir destas circunstâncias que um grande número de pessoas começou a deixar os espaços urbanos e agruparam-se, colocando em prática essas novas ideias e recriando vínculos antes perdidos. Estes agrupamentos ficaram conhecidos como comunidades alternativas (SANTOS, 2006).

### 3.3 ECOVILAS

*“As ecovilas encarnam um meio de vida. Elas são fundamentadas na compreensão profunda de que todos os seres e coisas têm ligação entre si, e que nossos pensamentos e ações têm impacto no meio ambiente em que vivemos.” (Svensson)*

O marco de consolidação do movimento foi discutido internacionalmente pela primeira vez em 1991, por Robert e Diane Gilman, através de um relatório encomendado pela organização dinamarquesa Gaia Trust, intitulado “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis”, que tinha o objetivo de catalogar as iniciativas dispersas em todo mundo, descrevendo a emergente filosofia em maior detalhe. (DAWSON, s.d.) A partir daí, o movimento foi muito auxiliado pelo surgimento da internet como uma ferramenta de rede internacional, e isto é bastante irônico, uma vez que o movimento é baseado na ética de tecnologia artesanal e autossuficiência. O computador permitiu que o movimento descobrisse sua verdadeira força e diversidade (DAWSON, s.d.).

O relatório definiu o termo ‘ecovila’ como: “uma grandeza humana, um povoado autônomo no qual as atividades humanas são harmoniosamente integradas na natureza, de forma a promover um desenvolvimento humano saudável e que possa ser mantido indefinidamente” (GILMAN, 1991) (tradução livre).

Esta concepção do termo ‘ecovila’ prioriza a sustentabilidade e propõem uma concordância com a definição de desenvolvimento sustentável estabelecida pelo relatório de Brundtland em 1987 (SIQUEIRA, 2012). Desta forma, entende-se que “as ecovilas podem concretizar o desenvolvimento sustentável, pois prioriza a autonomia, sustentabilidade social e desenvolvimento humano integral, em sinergia com o meio ambiente e suas limitações” (SIQUEIRA, 2012).

Os ecovileiros se esforçam para levar uma vida sustentável em harmonia com outros seres vivos e com a Terra, tendo como principal objetivo combinar um meio ambiente sociocultural acolhedor com um estilo de vida de baixo impacto. Sua motivação se encontra na necessidade de reverter a desintegração gradual das estruturas socioculturais e o crescente surgimento de práticas destrutivas do meio ambiente em nosso planeta, criando um futuro que, em vez de esgotar energias do mundo mecânico dominado por grandes empresas, é regenerativo para o indivíduo e

para a Natureza, e desta forma sustentável indefinidamente no futuro (SVENSSON, s.d.).

Robert e Diane Gilman afirmam que “o princípio da sustentabilidade requer um compromisso com a justiça e não exploração. Isso se traduz em respeito às demais regiões do mundo, humanos e não humanos e toda a vida futura. Ter um grau menor de dependência de capital importado de fora da ecovila e maior autossuficiência em termos de produção de alimentos é uma maneira que as ecovilas encontraram para atingir esses critérios” (GILMAN *apud* SIQUEIRA, 20121).

Ted Trainer (2000) descreve as principais características de uma sociedade sustentável:

- Padrões de vida mais simples;
- Economia local autossuficiente;
- Aplicação dos recursos locais em função das necessidades locais;
- Participação e cooperação comunitária;
- Tecnologias alternativas que minimizem os recursos e os impactos ambientais;
- Rejeição da dependência do mercado e adoção de órgãos de decisão comunitários;
- Construção de uma economia diferente, não impulsionada por lucros.

Jackson e Svensson, ainda acrescentam outras características importantes dentro de uma ecovila e comunidades sustentáveis, entre elas:

- Educação e comunicação;
- Medicina preventiva e complementar;
- Cuidados com as crianças e idosos;
- Integração dos deficientes;
- Construções ecológicas;
- Energia renovável;
- Produção, consumo e circulação de comida orgânica local;
- Espiritualidade;
- Celebração da vida;
- Resistência à globalização.

Ideologicamente uma ecovila é, segundo Jackson (2004), “um microcosmo do macrocosmo, pois representa, em uma área muito pequena — normalmente com 50 a 400 pessoas — todos os elementos e todos os problemas presentes na sociedade, proporcionando visíveis soluções”, como por exemplo, viver sustentavelmente, resolver conflitos pacificamente, gerar empregos, criar filhos, proporcionar educação eficiente, ou simplesmente apreciar e celebrar a vida (JACKSON, 2004).

No entanto, Jackson (2004) afirma que a ecovila ideal não existe, ela é um trabalho em processo — um componente fundamental do novo paradigma, onde muito ainda está para ser aprendido. O que existem são milhares de soluções parciais em uma abundância de variantes sobre o mesmo tema geral, em diferentes culturas, sob diferentes condições climáticas e sob diferentes tipos de sociedades, mas vinculados por um sistema de valor baseado em vida comum, que desafia as tradicionais divisões de raça, religião e cultura (JACKSON, 2004).

Vale ressaltar que, como afirma Gilman, “as ecovilas são um fenômeno pós-industrial e pós-agrícola, e não devem, portanto, ser entendidas como um retorno a um modo de vida anterior, e sim uma resposta direta às novas restrições ecológicas, novas técnicas e tecnologias disponíveis e novos níveis de consciência” (GILMAN *apud* SIQUEIRA, 2012).

### 3.3.1 HETEROGENEIDADE

As ecovilas apresentam grandes diferenças entre si, principalmente no que se refere ao foco escolhido. Elas também são muito influenciadas pelas diferentes condições climáticas, pelo meio ambiente natural e pelas culturas locais. (JACKSON e SVENSSON, s.d.). As ecovilas se tornam experimentos únicos, onde algumas se saem muito bem em determinados aspectos, porém deixam outros a desejar.

Com tantas diferenças, e divergências, o que se destaca em uma ecovila é a intenção de quem a constrói ou nela vive (PRUDENTE 2005). Elas podem ser exclusivistas ou abertas, fixas ou itinerantes, laicas ou religiosas, estar em área rural ou urbana, mas o que as une é que sempre há uma insatisfação com a sociedade atual e seus valores. Segundo Svensson, cada ecovila alcançou um nível individual de desenvolvimento, o que reflete a criatividade e inspiração próprias de seus criadores.

No entanto, em meio a tantos conceitos, Prudente (2005) identificou comunidades que haviam se adequado à lógica do mercado, comercializando lotes

em uma espécie de condomínio voltado para as classes média e alta. Estes casos possivelmente se enquadram em uma colocação inapropriada de conceito, uma vez que várias características que uma ecovila deve possuir não são encontradas.

Com o intuito de saber identificar uma ecovila de um simples empreendimento imobiliário, Giuliana Capello (2012) explana as principais diferenças entre eles. A primeira delas envolve os empreendedores do projeto: “em um condomínio ecológico temos a figura de uma construtora, ou incorporadora, que compra o terreno, faz o planejamento e entrega as casas ou apartamentos prontos para morar”. Já em uma ecovila, a concepção e execução do projeto ficam por conta dos próprios fundadores, tratando-se de uma iniciativa de cidadãos comuns. Segundo Capello (2012), o financiamento das construções ocorre de diversas maneiras, seja por um rateio entre os fundadores, ou até mesmo por meio de instituições interessadas em transformar o lugar num centro de treinamento ou em um espaço de demonstração de técnicas sustentáveis.

Outra grande diferença diz respeito ao desejo efetivo de mudar de estilo de vida, incorporando o real objetivo de compartilhamento, seja de estruturas físicas, ou de bens materiais, como carros, televisão, livros, entre outros.

A vontade de pertencer e construir uma comunidade a partir de propósitos comuns, ainda que as pessoas sejam diferentes e tenham experiências de vida muito diferentes, deve permear a decisão de morar em uma ecovila (CAPELLO, 2012).

### 3.3.2 SUSTENTABILIDADE EM ECOVILAS

A Agenda 21, documento formulado na Conferência ECO-92, marcou o conceito de desenvolvimento sustentável e também estabeleceu uma relação de atividades para a implantação da sustentabilidade (BISSOLOTI, 2004), como por exemplo:

- Maior eficiência no uso de energia e dos recursos;
- Uso ecologicamente sustentável dos recursos naturais renováveis;
- Redução da geração de dejetos ao mínimo possível;
- Assistência para adoção de compra de insumos ecologicamente corretos;
- Fortalecimento dos valores que apoiem o consumo sustentável.

Segundo Samek (1999), “o conceito de cidade sustentável se traduz na manutenção da diversidade biológica, da qualidade do ar, da água, do solo e da qualidade de vida, preservando o bem-estar da humanidade e respeitando a natureza. O desenvolvimento sustentável só é possível se o consumo dos recursos e o crescimento da população estão de acordo com as possibilidades de produção do ecossistema, perdendo todo o sentido se não for aliado à igualdade e à justiça social” (SAMEK *apud* BISSOLOTTI, 2004).

Bissolotti (2004) afirma que para implantar os princípios da sustentabilidade as mudanças na maneira de pensar, viver, produzir, consumir e se relacionar, são imprescindíveis. O principal meio para conseguir estas mudanças se dá através da educação, gerando pessoas conscientes do seu papel na preservação dos recursos para as próximas gerações (BISSOLOTTI, 2004).

As ecovilas possuem uma proposta de auto sustentabilidade, que englobam os níveis ecológico, social/comunitário e cultural/spiritual, independente da ênfase dada à cada uma. Bissolotti (2004), em sua tese intitulada “Ecovilas: Um Método de Avaliação de Desempenho da Sustentabilidade” descreveu cada um destes níveis:

#### 1. Sustentabilidade Ecológica

- Senso de local e lugar: conexão dos membros da ecovila com o local em que vivem, convivendo em harmonia e sincronismo com o sistema ecológico ao qual estão inseridos.
- Produção e Distribuição de Alimentos: os alimentos são preferencialmente produzidos localmente, sem uso de agrotóxicos.
- Reciclagem: o consumo e a geração de lixo são minimizados, utilizando-se sistemas de reciclagem, reutilização e restauração.
- Água e esgoto: utilizam-se sistemas biológicos no tratamento de esgoto e um cuidado especial com as fontes de água.
- Sistemas integrados de energia renovável: utilizam-se fontes renováveis (energia solar, eólica, biomassa ou geotérmica) e não tóxicas.



- Restauração ecológica: ênfase na percepção da natureza e seu ritmo, trabalhando a partir das áreas onde o ecossistema está mais próximo de sua condição natural.

Entre estes aspectos, surge também o conceito de infraestrutura, que engloba técnicas de permacultura e de bioconstrução<sup>3</sup>.

## 2. Sustentabilidade Social/Comunitária

- Saúde Sustentável: os cuidados básicos com a saúde são acessíveis e disponíveis localmente e incluem a integração entre Medicina Ortodoxa e Complementar, com opções para restauração, manutenção e melhoria da saúde (física, emocional, mental e espiritual).
- Economia Sustentável: prioriza-se a economia local, regional e solidária, com partilha de excedentes e práticas de troca. Há o encorajamento na criação de negócios sustentáveis que possam enriquecer a economia local, sem exploração de recursos.
- Política Sustentável: os assentamentos devem ter o tamanho certo para que todos os membros da comunidade possam ser ouvidos diretamente. O processo de tomada de decisões deve ser inclusivo e a liderança circular, promovendo estabilidade social e dinamismo na vida comunitária.
- Educação Sustentável: o crescimento pessoal, o aprendizado e a criatividade são muito valorizados e disponíveis para todas as faixas etárias através de uma variedade de formas educacionais.
- Comunicação sustentável: desenvolvimento de habilidades adequadas para comunicação, seja ela interna ou não.

## 3. Sustentabilidade Cultural/Espiritual

- O incentivo às atividades artísticas, como dança, pintura, escultura, tecelagem e música, são muito presentes, bem como celebrações,

---

<sup>3</sup> Segundo o Ministério de Meio Ambiente, bioconstrução é a construção de ambientes sustentáveis por meio do uso de materiais de baixo impacto ambiental, adequação da arquitetura ao clima local e tratamento de resíduos. Os sistemas construtivos respeitam o meio ambiente durante a fase de projeto e construção, e também ao longo do uso. Técnicas como adobe, Superadobe, Cob e Taipa são muito utilizadas.

festivais e encontros. A união entre o velho e o novo, demonstrada na união entre crianças e idosos, é necessária para a sustentabilidade cultural das comunidades.

- No âmbito espiritual existe apoio e respeito para que a espiritualidade possa se manifestar de diversas formas, caminhos e práticas.

### 3.3.3 *GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK – GEN*

Segundo o próprio portal da GEN, a Rede Global de Ecovilas, ou Global Ecovillage Network é uma rede crescente de pessoas, comunidades e iniciativas espalhadas pelo mundo. Seu principal objetivo é estabelecer comunicação entre as ecovilas, partilhar ideias, tecnologias e informações. Atualmente seu trabalho é administrado pelos seguintes secretariados:

- GEN - Internacional
- GEN - África
- GEN – Europa
- GENOA – Oceania e Ásia
- GENNA – América do Norte
- CASA – América Latina
- ENA – América

Desde sua criação, em 1995, muitos indivíduos e centenas de iniciativas de ecovilas de diversas partes do mundo filiaram-se à Rede. As comunidades cadastradas na GEN incluem tanto grandes organizações, como também pequenas ecovilas. Dentre as mais conhecidas que fazem parte do GEN estão: Fundação Findhorn, na Escócia, Lebensgarten Steyerberg, na Alemanha, Wilhelmina Terrein, na Holanda, La Eco Village, na Califórnia, Auroville, na Índia, e no Brasil a Ecovila de Pirenópolis, em Goiás.

### 3.3.4 *CONTEXTO BRASILEIRO*

É difícil estimar precisamente o número de ecovilas e comunidades intencionais existentes e ativas no mundo. Segundo SIQUEIRA (2012), muitas comunidades começaram como iniciativas locais e ainda não estão registradas formalmente, enquanto outras ainda vivem em modos de vida tradicionais em áreas afastadas e

de difícil acesso, dificultando seu mapeamento. Há dados que permitem afirmar que existem pelo menos 3.000 comunidades intencionais em todo o mundo.

A ABRASCA (Associação Brasileira de Comunidades Aquarianas) existe desde 1978, realizando eventos, com o intuito de troca de informações, produtos, sementes e celebração entre amigos. Atualmente, o objetivo da ABRASCA, segundo Marcelo Bueno, membro da rede brasileira de ecovilas, é catalogar as comunidades, editar boletins, enviar sementes orgânicas, promover eventos e divulgar o movimento de comunidades no Brasil. Estima-se que existam mais de 300 comunidades no Brasil, segundo dados da ABRASCA.

Segundo estudo realizado por SIQUEIRA (2012) 14 ecovilas são registradas em Minas Gerais, são elas:

1. Agrovila Carrancas (Carrancas)
2. Céu do Gamarra (Baependi)
3. Cipó / 4 Cantos do Mundo (Belo Horizonte)
4. Ecovila Águas de Contendas (São Lourenço)
5. Ecovillage Viver Simples (Itamonte)
6. Fazenda Ananda Kirtana (Juiz de Fora)
7. Figueira (Carmo da Cachoeira)
8. Fundação Harmonia (São Tomé das Letras)
9. Mato Dentro (São Lourenço)
10. Picada (São Tomé das Letras)
11. Sete Ecos (Sete Lagoas)
12. Sociedade Brasileira de Eubiose (São Tomé das Letras)
13. Terra Una (Liberdade)
14. Vale do Matutu (Aiuruoca)

### 3.4 DESAFIOS E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

*“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.*  
(Charles Chaplin)

Robert Gilman, em seu artigo intitulado *The eco-village challenges* (1991) descreveu os principais desafios encontrados na construção, estruturação e

manutenção de uma ecovila. Segundo ele, estes desafios podem ser divididos em seis (6) categorias, são elas:

1. Biosistemas: a ecovila deve encontrar maneiras de preservar os habitats naturais; produzir alimentos, madeiras e outros recursos no local; tornar inofensivo qualquer resíduo tóxico; reciclar todos os resíduos produzidos; processar os resíduos orgânicos que forem produzidos; evitar impactos ambientais adversos.
2. Bioconstrução: para cumprir o ideal de que as ecovilas sejam inofensivas e integradas ao mundo natural deve-se construir com materiais ecologicamente corretos; usar fontes de energia renovável; lidar com resíduos sólidos, líquidos e gasosos de forma ecologicamente correta; utilizar o mínimo possível transportes motorizados; construir de forma que o impacto seja o menor possível sobre a Terra; ter um bom equilíbrio entre espaço público e privado. As construções devem incentivar a interação da comunidade e suportar uma grande diversidade de atividades.
3. Econômico: as implicações envolvidas nesta categoria não são tão claras e diretas quanto às da bioconstrução, por exemplo, e podem variar de ecovila para ecovila. Porém, há uma ênfase na necessidade de justiça e não exploração de outras pessoas e lugares. Os principais desafios que serão enfrentados dizem respeito às atividades econômicas sustentáveis, a questão do público e privado, divisão fundiária, formas de organização empresarial, entre outros.
4. Governança: assim como a categoria econômica, as diretrizes não são tão claras e também podem variar de lugar para lugar. Algumas questões podem ser introduzidas para facilitar o processo, como por exemplo: Como serão tomadas as decisões?; Quais métodos serão utilizados em diferentes ocasiões?; Como os conflitos serão resolvidos?; Como as decisões da comunidade serão colocadas em prática?; Qual será o papel dos líderes?; Como será a relação da ecovila com o governo e as comunidades no entorno?
5. Desafio da cola (ou visão compartilhada): para lidar com todos os desafios é necessário que os membros da ecovila tenham algo que os una, baseado em valores e objetivos compartilhados. Este desafio é explicado com mais detalhes no próximo item.

6. Desafio Sistêmico: considerado o maior e mais profundo desafio, o desafio sistêmico lida com a necessidade de mudanças em vários aspectos da vida diária, tendo a consciência de que algumas podem levar algum tempo para acontecerem. Neste processo, recursos financeiros, recursos emocionais e relações interpessoais podem ser colocados sob grande stress. O desafio é cultivar uma visão sistêmica e holística em todas as etapas do processo, permitindo que a comunidade se desenvolva em um ritmo sustentável.

Christian (2003) acrescenta que o grau de proximidade entre os membros da comunidade também é de fundamental discussão, e isto envolve o tipo de moradia e propriedade – individual, coletiva ou mista, e também o grau de interdependência financeira. Ela ainda afirmou que os principais conflitos normalmente envolvem questões financeiras, fundiárias e concentração de poder, e, segundo Siqueira (2012), a falta de interesse e de habilidade para lidar com assuntos que envolvam dinheiro, institucionalização e tomada de decisões são comumente observados.

Os conflitos são diários e inevitáveis, e quando consideramos uma situação como ‘conflitante’ significa que perdemos o senso de conexão e pertencimento (GAIA, 2012). Os educadores de Gaia (2012) ainda afirmam que “a lição mais importante é mudar nossa atitude de evitar os conflitos para nos aproximarmos deles com interesse e abertura”, desta forma deixariam de existir ganhadores e perdedores, e todos ganhariam.

Segundo os educadores de Gaia (2012) o consenso é uma regra no que diz respeito à tomada de decisões, sendo uma tentativa para que todos os membros do grupo apoiem o que está sendo decidido. Este processo baseia-se na certeza de que cada pessoa possui uma parte da verdade, e, portanto, deve ser ouvido por todos. O objetivo é alcançar a melhor solução possível para avançar com questões importantes, adaptando-se às necessidades e particularidades do grupo (GAIA, 2012).

Vale ressaltar que, segundo Siqueira (2012), não existe ecovila alguma que tenha conseguido superar todos os desafios e se estabelecer como um modelo ideal, entretanto, diversos progressos são notados diariamente.

### 3.4.1 VISÃO COMPARTILHADA

Diana Christian em seu livro “Creating a life together: practical tools to grow ecovillages and intentional communities (2003)”, descreve o processo de criação de uma ecovila e ressalta que o principal fator para que uma ecovila tenha sucesso é possuir uma visão compartilhada, o que muitos autores também chamam de “cola”.

A cola é a responsável pelo sentimento de comunidade, pertencimento e bem estar do grupo, está diretamente relacionado com a convivência entre os membros. Gilman (1991) aponta algumas questões que podem permear esta discussão, tais como: “Qual é a interação adequada de unidade e diversidade?”; “Quais são os valores, comportamentos ou práticas comuns esperados no grupo?” “Quão próximo deve ser o grupo em seus relacionamentos interpessoais?”; “Como o grupo deve descobrir, desenvolver e evoluir esta visão compartilhada?”; “Como o grupo deve se relacionar com outros grupos?”. Siqueira (2012) afirma que “a visão comum é uma espécie de ponto de restauração da comunidade, pedra fundamental para erigir uma ecovila, um livre acordo que inclui valores, propostas e aspirações do grupo, além de servir como bandeira comum pela qual o coletivo se apresenta perante o restante da sociedade”.

Christian (2003) sugere que a primeira tarefa dos membros de uma comunidade em formação é definir, esclarecer e anotar esta visão, certificando-se de que todos concordem com ela. A autora reitera que não ter uma visão comum pode arruinar uma comunidade que está diante de um grande desafio ou uma crise; ou lentamente ‘erodir’ a vitalidade e bem-estar dos membros da comunidade, devido aos pequenos conflitos do dia-a-dia, resultantes de diferentes visões.

À luz da filosofia de Rudolf Steiner, Christian (2003) certifica que a cola geralmente é reforçada por atividades físicas em conjunto, como por exemplo, trabalho compartilhado, refeições coletivas, celebrações, danças e rituais, bem como o compartilhamento de experiências.

Christian (2003) sugere que a visão compartilhada deve ser escrita de forma simples e clara, e que o grupo também crie um documento contendo a visão, a missão e os objetivos da comunidade.

### 3.4.2 *DIVISÃO FUNDIÁRIA*

A divisão fundiária é um dos principais problemas encontrados na definição e permanência de uma ecovila. A questão da posse da terra passa muito pelo que o plano diretor de cada cidade define. A zona urbana define o tamanho de cada lote, com registros individualizados, já na zona rural há determinação de um tamanho mínimo de cada lote pra se conseguir um registro individualizado de posse de terra, que se refere à uma media de 2 hectares por imóvel rural, dependendo do município. Ou seja, se uma pessoa comprar a terra destinada à ecovila, haverá problemas na hora de dividi-la, uma vez que não é possível obter registro individual, a não ser que cada lote cumpra o tamanho mínimo estabelecido pelo município. Retorna-se ao problema do capital e propriedade privada, onde há necessidade de superar esses paradigmas e pensar na questão da propriedade coletiva. É necessário primeiramente incentivo do governo, ou seja, incentivos para que haja uma forma jurídica adequada à questão da propriedade coletiva, com modelos de contratos mais simplificados.

Atualmente os principais modelos de divisão fundiária se baseiam em cooperativas, associações e propriedades privadas. O tipo vai depender principalmente da finalidade de cada ecovila.

- Cooperativas: normalmente possuem finalidade econômica, como por exemplo, produção e comercialização de algum produto. Neste caso a cooperativa é a dona das terras e o sistema de apoio é coletivo. É necessário um mínimo de 20 pessoas;
- Associações: funcionam como cotas de clubes, por exemplo. A associação possui as terras e as pessoas compram as cotas;
- Propriedade privada em área rural: há necessidade de um mínimo de 2 hectares de cada lote para que possa haver registro, variando o tamanho da gleba de acordo com o módulo fiscal de cada município. Para burlar este modelo, é comum a propriedade adquirida ficar em nome de um dos membros de um grupo de pessoas e este grupo divide o módulo fiscal em várias áreas menores. Cada pessoa passa a ter um documento de promessa de compra e venda, sendo este o único documento que mostra a posse da parte da gleba. Entretanto, este documento não tem validade jurídica. A alternativa é a de que

cada membro, com o tempo, entre com um recurso de usucapião da área e com isso possa ter um registro do imóvel, podendo ocorrer somente quando a área é transformada em área urbana comum ou área urbana especial.

O modelo de associação ou clube pode vir a ser a melhor forma, quando o cotista recebe uma parcela de terra menor que o módulo fiscal para construir uma casa e sua cota passa a ter um valor maior ou menor,, dependendo do valor da(s) benfeitoria(s) construída(s) na área destinada para sua cota.

#### **4 RESULTADOS**

*“Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos comprometidos possa mudar o mundo; na verdade, nunca foi de outra maneira” (Margaret Mead)*

Retomando o que foi exposto anteriormente, uma sociedade sustentável deve ser pequena, simples, com uma forte economia local, participativa e deve-se fazer uso de tecnologias ecológicas, com o intuito de minimizar o uso de recursos e o impacto ambiental. Neste sentido, as ecovilas, mesmo com os desafios envolvidos, apresentam todos os requisitos necessários para que possam ser consideradas uma resposta consciente aos problemas enfrentados atualmente, movendo a sociedade em direção a um modelo de vida mais sustentável, uma vez que elas “propõem uma nova forma de se viver e interagir, baseada na vida comunitária e nos princípios da simplicidade e da cooperação, além da integração com a natureza, para a criação de um modelo de vida mais harmônico e resiliente, pautado em uma nova visão de mundo” (MATTOS e SOUZA, 2014).

Mattos e Souza (2014) ainda afirmam que “as ecovilas são precursoras de um novo modelo de desenvolvimento à medida que rejeitam a visão de mundo dominante, reconhecendo a interdependência entre todas as formas de vida e se reposicionam, ao propor um estilo de vida mais sustentável”, buscando qualidade de vida ao invés de crescimento econômico.

Vários autores, tais como Dawson (2006), Gilman (2013) e Oved (2013), assim como exposto por Mattos e Souza (2014) confirmam a ideia de que as ecovilas são verdadeiros centros de experimentação e treinamento, na medida em que “propõem inovações e desenvolvem tecnologias sociais e ambientais, além de práticas econômicas locais, que podem ser replicadas em outros contextos, (...) tornando-se



importantes centros de capacitação e difusão dessa cultura regenerativa, em prol da sustentabilidade” (MATTOS e SOUZA, 2014).

Um outro diferencial das ecovilas é a participação e o envolvimento com o que está ao seu redor, contribuindo com o desenvolvimento da biorregião e relacionando-se e ensinando os outros, o que desconstrói a ideia de isolamento e refúgio, muitas vezes interpretadas por terceiros (MATTOS e SOUZA, 2014).

Ressalta-se que, como dito anteriormente, muitas ecovilas são consideradas *Best Practices* da ONU, ou seja, são reconhecidas como melhores experiências, ditando caminhos a serem seguidos. Destaca-se também, sua inclusão, em 1998, entre as 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável pelo Programa Habitat da ONU, como modelos excelentes de vida sustentável, e em 2000, a nomeação da Global Ecovillage Network – GEN para o Conselho Econômico e Social do Comitê das Organizações Não-Governamentais das Nações Unidas, com status consultivo (MATTOS e SOUZA, 2014).

No entanto, muitos autores não acreditam neste potencial que as ecovilas possuem. Garden (2006), por exemplo, afirma que ao invés de ser chamado de ‘movimento’ seria mais apropriado descrever uma ecovila como um clube elitista, controlado por um grupo central automeado, que capitalizou o crescente interesse da sociedade pela sustentabilidade. Garden (2006) ainda se refere às ecovilas como “*egovilas*”, e afirma que sua objeção a este movimento se refere ao pressuposto de que uma vida ecológica não é possível na sociedade *mainstream*, ou seja, na sociedade ‘dominante’. A autora afirma que ela mesma possui práticas sustentáveis em sua residência na Austrália, justificando que não há necessidade de criação de ecovilas para se viver de maneira sustentável.

Siqueira (2012), por outro lado, afirma que “as ecovilas não são o único caminho para a sustentabilidade ambiental e para solucionar a crise civilizatória da atualidade. Pelo contrário, o projeto das ecovilas se insere em uma perspectiva mais ampla, considerando que a crise é multidimensional e exige soluções horizontais e transversais em todos os campos do conhecimento, tanto no meio urbano quanto rural”.

No que diz respeito aos aspectos operacionais das ecovilas, Christian (2003) pressupõe que grande parte das pessoas interessadas em viver em uma ecovila não está preparada para administrar finanças e prestar contas. Bill Fleming (*apud* Christian, 2003) reitera que a rejeição e não utilização de ferramentas, tais como

planejamento financeiro e de negócios - por serem considerados opressores do pensamento criativo – pode levar à grandes dificuldades de estabilização da comunidade. Fleming finaliza dizendo que essas ferramentas devem ser vistas como uma ajuda para criar o tipo de mundo onde as pessoas compartilham recursos, tomam decisões de forma cooperativa e são conscientes de suas relações com a Terra, com as plantas, animais e com os outros.

Durante pesquisa realizada por Siqueira (2012), em uma das mais conhecidas ecovilas do Brasil, localizada na área rural do município de Maraú, no sul da Bahia, foram identificadas várias críticas práticas ao modelo de gestão desta ecovila em particular, porém que podem ser facilmente encontradas em outras comunidades espalhadas pelo globo.

A principal crítica diz respeito à administração da ecovila. As finanças pessoais de seus administradores estão misturadas com a da empresa, dificultando a apuração dos reais custos e despesas de cada atividade desempenhada.

Em entrevista realizada com os funcionários, verificou-se que eles trabalham mais que as 8hrs estabelecidas, porém não recebem hora extra e não possuem tempo para desfrutar das belezas naturais do local, como a praia e o rio. Também foi constatada a exclusão social dos trabalhadores da construção civil e faxineiras, por exemplo, que não são convidados para participar dos encontros e rituais.

Uma outra crítica averiguada na pesquisa está relacionada aos poucos espaços legitimamente públicos disponíveis para os moradores e crianças da ecovila. Informou-se a existência de um lote previamente reservado para este fim, porém, atualmente, ele abriga um galinheiro pertencente à empresa.

Por fim, identificou-se que alguns dos preceitos estabelecidos pela ecovila não são respeitados na prática, como por exemplo, utilização de alguns produtos de limpeza, higiene e protetores solares que contêm substâncias sintéticas e tóxicas, bem como utilização de óleo diesel nos veículos que circulam pelas pequenas ruas que dão acesso à ecovila.

Estas críticas reafirmam o fato de que ainda não existe nenhuma ecovila que esteja em perfeito funcionamento, evidenciando ainda mais a necessidade de uma boa gestão.

Takis Fotopoulos (2006), em seu artigo intitulado “*Is the eco-village movement a solution or part of the problem?*”, afirma que as ecovilas são incapazes de fornecer a base necessária para um movimento que leve em direção à uma democracia

ecológica; que uma filosofia, baseada no conceito de sustentabilidade – combinada com outros elementos irracionais – não alcança as exigências mais elementares de um projeto anti sistêmico, são elas: uma crítica radical às instituições socioeconômicas que conduziram à crise; propostas concretas sobre a forma como a sociedade poderia ser integrada ao sistema político, econômico e ecológico, através do desenvolvimento de instituições que assegurem a distribuição igualitária de poder político, econômico e social; e uma estratégia “que leve daqui para lá”. Estes fatos enquadrariam o movimento de ecovilas como parte do problema, não como parte da solução, uma vez que a crise ambiental é apenas uma, de muitas dimensões que a crise atual é constituída (FOTOPOULOS, 2006).

Em contrapartida, a Gaia Education propõe, além das tradicionais dimensões do desenvolvimento sustentável – social, econômica e ecológica, a incorporação de uma quarta dimensão, denominada ‘visão de mundo’. Isto significa que esta proposta não contempla apenas elementos fragmentados de ambientalismo, ela inclui uma visão multidimensional da questão (GAIA, 2012).

A seguir serão descritos os principais pontos de cada dimensão, de acordo com o proposto pela Educação Gaia.

#### 4.1 DIMENSÃO SOCIAL – “ALÉM DE EU E DE VOCÊ”

Não é de se estranhar que nossos antepassados tenham se organizado espontaneamente em pequenos grupos (GAIA, 2012). A principal atração pelo modo de vida de uma ecovila se dá pela possibilidade de aumento das relações sociais.

Segundo os próprios educadores de Gaia (2012), “a dimensão social das ecovilas se refere ao desejo das pessoas de passar mais tempo juntas e de criar um ambiente acolhedor onde cada uma possa se aprimorar como indivíduo e como parte do grupo”. Elas oferecem inúmeras e únicas oportunidades que abrem espaço para que as sutilezas da interação humana se aflorem.

Dentro deste contexto, os moradores de uma ecovila desfrutam de várias vantagens, que normalmente não são disponíveis ao modelo individualista usual, tais como:

- um lugar seguro para se criar filhos, onde diversos adultos também podem servir como exemplos;

- as crianças possuem tarefas diárias, como jardinagem e construção, o que as leva a desenvolver uma grande variedade de habilidades através da experiência prática;
- o adulto dispõe de mais tempo para a família e para os amigos, uma vez que se gasta menos tempo com trabalhos estressantes e deslocamentos diários;
- mais oportunidades para criar negócios caseiros ou indústrias artesanais, possivelmente com a colaboração de amigos da própria comunidade;
- é possível compartilhar oficinas, lojas e outros espaços de lazer, o que significa menos compras e menos gastos;
- as associações políticas frequentemente têm sua base na própria ecovila, ou seja, as pessoas podem participar na tomada de decisões que afetam suas vidas e as da comunidade de forma transparente;
- as pessoas se sentem satisfeitas com suas relações sociais, o que faz diminuir drasticamente o consumismo, vícios e o crime.

“As ecovilas são capazes de promover um equilíbrio entre liberdade pessoal e a própria responsabilidade para com os outros, criando seres humanos livres e bem-intencionados que aprendem a identificar e satisfazer suas necessidades assim como as da sociedade em que vivem” (GAIA, 2012).

#### 4.2 DIMENSÃO ECONÔMICA – “ECONOMIA DE GAIA – VIVER BEM DENTRO DOS LIMITES PLANETÁRIOS”

Pode-se dizer que, atualmente, a ecologia trabalha em função da economia, ou seja, o meio ambiente é considerado como “um banco de recursos onde são executadas as atividades humanas” (GAIA, 2012). Desta forma, para seguirmos o caminho da sustentabilidade, deve-se considerar o contrário, que a economia trabalhe em função da ecologia. A partir deste novo paradigma “a escala e a natureza das atividades econômicas estariam limitadas pela capacidade de carga dos diferentes ecossistemas da Terra” (GAIA, 2012).

A dimensão econômica das ecovilas, de acordo com os educadores de Gaia (2012), parte da crítica ao crescimento puramente econômico, para incentivar novos

modelos que estimulem as economias locais, tais como economia solidária, redes de trocas e bancos sociais.

#### 4.3 DIMENSÃO ECOLÓGICA – “DESIGN DE HABITATS SUSTENTÁVEIS – CRIAR UM SENTIDO DO LUGAR”

Os educadores de Gaia (2012) afirmam que a dimensão ecológica das ecovilas revela a real conexão das pessoas com a Terra, bem como com o solo, a água, o vento, as plantas e os animais.

Ela se estende da intenção expressa de economizar energia, reciclar lixo e proteger a biodiversidade, até um comprometimento mais amplo com uma vida de baixo impacto, com o uso de sistemas integrados locais de energia renovável, usinas de tratamento de água, recuperação do solo, construções ecológicas com casas vivas (?) feitas com materiais naturais e locais, e principalmente, com a prática da permacultura (GAIA, 2012). Aliás, a permacultura tem sido cada vez mais utilizada como base para o projeto de ecovilas, bem como assentamentos, bairros e outras comunidades, uma vez que propõe a “integração harmônica da paisagem e das pessoas, fornecendo comida, energia, abrigo e outras necessidades materiais e não materiais de maneira sustentável” (MOLLISON, 1994).

#### 4.4 VISÃO DE MUNDO – “O SOM DA TERRA”

Desenvolvimento Sustentável é comumente descrito com base em três temas: econômico, social e ambiental. Porém, é preciso reconhecer que os padrões culturais subjacentes, que muitas vezes não são mencionados, exercem profunda influência, e podem, verdadeiramente, predeterminar as relações econômicas, sociais e ambientais (GAIA, 2012). Neste contexto, acrescenta-se uma outra dimensão, denominada “Visão de Mundo”.

Visão de mundo, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, holística e integral, “promove a ligação entre ciência, espiritualidade e tradições ancestrais para propor uma nova relação entre ser humano e natureza, além de fomentar o autoconhecimento e a saúde” (GAIA, 2012). Os valores da Visão de Mundo também incluem exigências de uma nova estrutura social, e o objetivo é a diversidade em vez de homogeneidade.

*“O modelo das Ecovilas estimula uma perspectiva de ‘sistemas’, enfatizando as ligações entre atividades, processos e estruturas, e desenvolvendo uma compreensão, mais ampla e abrangente, de ‘comunidade sustentável’. Por exemplo, ao observar como a produção de alimentos orgânicos tem relação com moedas complementares que, por sua vez, tem relação com modalidades econômicas sustentáveis que, por sua vez, tem relação com processos inclusivos de tomada de decisão que, por sua vez, tem relação com a integridade das interações humanas que tem relação com o amor, que tem relação com a natureza, que tem relação com a construção ecológica e assim por diante...” (Educação Gaia, 2012).*

Os educadores de Gaia afirmam que, atualmente, “as Ecovilas representam os melhores laboratórios experimentais vivos para incubar novos modelos de uma cultura humana sustentável” (GAIA, 2012), uma vez que seu modelo estimula uma perspectiva holística, enfatizando as ligações entre atividades, processos e estruturas. A sustentabilidade requer sistemas inteiros de aprendizado, com o propósito de ver o contexto mais amplo em que nós funcionamos (GAIA, 2012). Tudo está conectado.

## 5 CONCLUSÃO

*“Eu também quero voltar à natureza. Mas essa volta não significa ir pra trás, e sim pra frente.” (Friedrich Nietzsche)*

O projeto de ecovilas preconiza e estimula uma compreensão sistêmica (GAIA, 2012), enfatizando um modo de vida que incorpora relações ambientais sustentáveis (SIQUEIRA, 2012), tornando-as mais visíveis aos olhos humanos. A satisfação de cada membro se traduzirá em uma melhor qualidade de vida para todos, e a diversidade criará uma nova visão de mundo (SIQUEIRA, 2012), com mais respeito a todos os seres vivos.

As ecovilas retratam a síntese entre conhecimento e ação, entre teoria e prática (SIQUEIRA, 2012), “representando os melhores laboratórios experimentais vivos para incubar novos modelos de uma cultura humana sustentável” (GAIA, 2012), podendo ser vistas como uma, entre as diversas respostas possíveis à crise atual (SIQUEIRA, 2012).

No entanto, ressalta-se a necessidade de uma boa gestão para que as adversidades encontradas no longo caminho de amadurecimento de uma ecovila,

não atrapalhem seu sucesso. Os desafios são muitos e constantes, mas se contornados com respeito e amor ao próximo, se tornam grandes aprendizados.

A partir do momento que o ser humano se tornar mais sensível ao outro, à natureza e ao que lhe é dado, laços íntimos serão criados. As relações, em toda sua forma e dimensão, se tornarão mais saudáveis e verdadeiras.

A mudança começa dentro de nós. Começa por mim e por você.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISSOLOTTI, Paula Miyuki Aoki. - **Ecovilas: um método de avaliação de desempenho da Sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFSC: Florianópolis, 2004.

CAMPANI, Michele Mucio. - **Organizações Sustentáveis: Uma Reflexão Sobre Sustentabilidade e Ecovilas**. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL. Costa Rica, 2011.

CANDOSSIM, Camila Cocilio. – **O conceito de poder em Jurgen Habermas**. In: Revista de Direito Público. V. 4, N°2. Londrina, 2009.

CAPELLO, Giuliana. - **Ecovila ou empreendimento imobiliário?**. Planeta Sustentável. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/gaiatos-e-gaianos/ecovila-ou-empreendimento-imobiliario/>. Último acesso em: 19/10/2016.

CARAVITA, Rodrigo Iamarino. - **Ecovilas, Meio Ambiente, Cosmologias e Espiritualidade(s)**. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura e STEIL, Carlos Alberto. – **A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade**. In: Revista Ambiente e Sociedade. Campinas, v. XI, n. 2, 2008.

CHRISTIAN, Diana Leafe. - **Creating a life together: practical tools to grow ecovillages and intentional communities**. Canada: New Society Publishers. 2003.

CUNHA, Eduardo. - **A Sustentabilidade em Ecovilas: Desafios, Propostas e o Caso da Ecoovila 1 – Arcoo**. RGSA – Revista de Gestão Social e Ambiental. V.4, N°1, p. 113-1261. Ceará, 2010.

DAWSON, Jonathan. – **The Ecovillage Dream Takes Shape**. Findhorn Foundation. Escócia. Disponível em: [http://gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/JDawson\\_EcovillageDream.pdf](http://gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/JDawson_EcovillageDream.pdf). Acesso em: 18/10/2016.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo. - **Re-significação da dor simbólica da morte: relaxamento mental, imagens mentais e espiritualidade**. In: Psicologia: Ciência e Profissão. V. 23, N°1. Brasília, 2003.

FOTOPOULOS, Takis. - **Is the eco-village movement a solution or part of the problem?** – In: The International Journal of inclusive democracy, Vol. 2, No. 3, June/2006. Disponível em:



[http://www.inclusivedemocracy.org/journal/vol2/vol2\\_no3\\_Takis\\_eco\\_village.htm](http://www.inclusivedemocracy.org/journal/vol2/vol2_no3_Takis_eco_village.htm)  
Último acesso em: 26/10/2016.

FORMAN, Richard; WU, Jianguo. **Where to put the next billion people.** In: Springer Nature Magazine. Vol 537. 2016.

GAIA EDUCATION – **Currículo Educação para Design de Ecovilas.** Versão 5. Gaia Education, 2012.

GARDEN, Mary. - **The eco-village movement: Divorced from reality.** – In: The International Journal of inclusive democracy, Vol. 2, No. 3, June/2006. Disponível em:  
[http://www.inclusivedemocracy.org/journal/vol2/vol2\\_no3\\_Garden\\_eco\\_village.htm](http://www.inclusivedemocracy.org/journal/vol2/vol2_no3_Garden_eco_village.htm)  
Último acesso em: 26/10/2016.

GEN – Global Ecovillage Network website. Disponível em:  
<http://gen.ecovillage.org/en>. Último acesso em: 19/10/2016.

GILMAN, Robert. - **The Eco-village Challenge: The challenge of developing a community living in balanced harmony - with itself as well as nature - is tough, but attainable.** Originally published in Summer 1991. In: Context Institute. Disponível em: <http://www.context.org/iclib/ic29/gilman1/>. Acesso em: 25/10/2016.

IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica. Disponível em:  
<http://novo.ipemabrasil.org.br/>. Último acesso em: 19/10/2016.

ISA – Instituto Sociambiental. – **Almanaque Brasil Socioambiental (2008).** São Paulo, 2008.

JACKSON, Ross. - **The Ecovillage Movement.** In: Permaculture Magazine. N°40. Austrália, 2004.

JACKSON, Ross. e JACKSON, Hildur. – **Global Ecovillage Network History.** 2004.

JACKSON, Hildur e SVENSSON, Karen. – **A Vida em uma Ecovila, Viver em uma Ecovila: A restauração do mundo e sua população.** Universidade de New South Wales, Austrália.

KOZENY, Geoph. - **Intentional Communities: Today's Social Laboratories.** Disponível em: [http://gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/GKozeny\\_IC-SocialLabs.pdf](http://gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/GKozeny_IC-SocialLabs.pdf) . Último acesso em: 19/10/2016

MATTOS, Taisa. e SOUZA, Cecília. – **Ecovilas e a Construção de Modelos de Vida Saudáveis e Sustentáveis.** Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da

Informação e da Comunicação - LATEC/UFRJ & Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Educação Ambiental - GEA/UFRJ. V. 4, N°1. Rio de Janeiro, 2014.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. - **Introdução à Permacultura**. 2 ed. São Paulo: Tagari, 1994.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares. – **Relação Homem/ Natureza no Modo de Produção Capitalista**. In: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, 2002.

PRUDENTE, Gustavo. - **O velho sonho de morar no paraíso**. Revista Problemas Brasileiros, N° 377. 2005.

ROYSEN, Rebeca. - **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado) Programa de pós-graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SACHS, Ignacy. - **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2002.

SACHS, Ignacy. - **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática de desenvolvimento**. São Paulo. Cortez, 2007.

SALLES, Dahanne. MIYASATO, Erick. VIANA, Fernando. PEREIRA, Gabriel, TAKIY, Marcelo. BORGONOVE, Marcus. ENYA, Marjorie. BASTOS, Paulo. FARINACCIO, Rafael e OLIVEIRA, Thiago. - **Contracultura e Movimento Hippie**. In: Laboratório de Ensino e Material Didático. Departamento de História - FFLCH – USP. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/217> Acesso em: 25/10/2016.

SANTANA, Mayara Jordana Souza; TUZZO, Simone Antoniacci. - **A cidadania na perspectiva de Raquel Paiva: defesas em torno das comunidades, da comunicação comunitária e da mobilidade urbana**. In: Comunicação & Informação.V. 16, n°. 1. Goiás. 2013

SANTOS JR, Severiano José - **Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo**. III Encontro da ANPPAS. Brasília, 2006.

SETZER, Valdemar. – **O que é a Antroposofia?**. Sociedade Antroposófica. 1998

SIMAS, Ana Carolina Beer Figueiredo – **Comunicação e Diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. - **Tensão entre as Racionalidades Substantiva e Instrumental na Gestão de Ecovilas: Novas Fronteiras do Campo de Estudos**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

SOUZA, Elizabeth. OLIVEIRA, Francisco. PINHEIRO, Daniel. CHACON, Suely. – **Meio Ambiente e Desenvolvimento**. In: R. Adm. FACES Journal Belo Horizonte. Vol 8, N° 4. 2009.

TRAINER, Ted. - **Where are we, where do we want to be, how do we get there? - Democracy and Nature: International Journal of Inclusive Democracy**, Vol 29, No1/2, 2000.